

TIMANDRO JUNIOR 2

OU

O MODELO DOS VELHACOS.

O homem que busca seus emelhante para enganar-o, procurando entranhar-lhe na alma uma verdade fingida e estudada, é o ente mais desprezível da sociedade.

INTRODUÇÃO.

Bem honrosa é a tarefa do cidadão, que procura mostrar à sociedade que nella vive quem nenhuma honra lhe faz. Desejariamos mostrar até com o dedo, o individuo de que vamos nos occupar, porém não queremos fazer uma triste figura; trataremos de relatar os factos praticados por esse individuo, que desde já o chamaremos Timandro Junior, por que da averiguação da pessoa, ficará incumbido quem de direito lhe pertencer. Não mostraremos quem é o individuo, como já dissemos, porém narraremos os factos mais salientes de que algumas pessoas não ignoram.

CAPITULO I.

UM CAVALHEIRO DE INDUSTRIA.

Ha no Rio de Janeiro um homem, que deve representar pela sua physionomia a idade de 32 annos pouco mais ou menos, filho, diz elle, que do Maranhão, porém é falso, é com certeza filho do Ceará; e sua familia de incognito e obscuro nascimento o repellio de seu seio! Este homem não tem emprego algum, procura agenciar dinheiro, empregando as maiores espertezas, todas filhas de um engenho vasto na velhacaria. Este homem, possui uma presença interessante constantemente, onde mostra ter, ou um estudo aturado

para a malvadez, ou então ter nascido com um genio que de tempos em tempos nos apparece!

Vê-se o riso constante em seus labios, o que indica a grande falta de brio e vergonha que possui; e trata a qualquer pessoa, que não o conhece, sempre com grande distincção, para o que, emprega títulos, condecorações, etc. etc., para vêr se por esse meio de humilhação, angaria a affeição do individuo.

Temos de fazer uma resenha circumstanciada de factos praticados por este espertalhão, todos dignos de merecerem a publicação, para que o publico do Rio de Janeiro, que o desconhece, se previna, pois que muita gente tem sido victima dessa industria que elle procurou como meio de vida.

Avista pois do que vamos expender, força é que a policia tome em séria consideração a apresentação desta fiel narração, que não trará pouco interesse para a sociedade, como para a guarda individual.

E para não sermos fastidiosos com o respeitavel publico, elle nos dispensará a prolixidade.

CAPITULO II.

O ACHADO DE UMA CARTEIRA.

Custa a crêr que um homem que não tem a mais pequena quantidade de intelligencia, possa abranger em si uma immensidade de espertezas! E é tal a sua ignorancia que não mostra ter estudado a *Arte de Furtar*, que sem duvida lhe podia ministrar os meios mais favoraveis para bem se sahir em suas empresas! Tudo nelle é natureza, não tem uma só gota de intelligencia, tudo lhe acode de repente! Vejamos entre as muitas espertezas empregadas por elle, aquellas que nos merecerão as honras da publicação.

Como este nosso cavalheiro é um réo de policia, nós lhe daremos um nome para o tratarmos em a nossa descripção. Dar-lhe-hemos o nome de Timandro Junior, pois que não lhe é muito injurioso, e lhe achamos alguma relação de familia.

Timandro Junior, enfastiado de estar em casa, com calor, toma um palitô de brim, e sahe a dar um passeio até o lugar de um convento que se acha situado na mesma localidade de sua residencia.

Ao chegar á porta do convento, depara com um papel, em que se lião as seguintes palavras: — Achou se uma carteira com dinheiro, quem fôr seu dono dando os signaes certos, se lhe entregará. — Apressado volta Timandro Junior para casa, e faz um annuncio, que tinha por fim, chamar pelo *Jornal do Commercio*, a pessoa que tinha perdido uma carteira contendo nella dinheiro; que se desse os signaes certos se lhe entregaria.

No dia em que se publicou o annuncio, muito cedo compareceo o dono da carteira, no Castello casa n.... dizendo ter perdido uma carteira, tendo nella 500 e tantos mil réis; e deo todos os signaes exactos, a fim de verificar ser elle o dono da carteira. Porém Timandro Junior, que tinha preparado outra de ante-mão, com 48 mil réis em bilhetes de dez tostões; apresentou essa carteira e disse:

— Meu caro senhor, V. S. perdeu seu tempo, porque a carteira que eu achei é esta, e apresentou-a, por conseguinte, vejo que pelos os signaes que me dá não pôde ser esta a que perdeu. Retirou-se o individuo com desprazer, porque suppoz que seria feliz, por ter apparecido a sua carteira.

Timandro Junior, depois de se ter retirado o pobre do homem, pula de contente, e diz:

— Como fui feliz na minha empreza, eu o que queria era saber dos signaes dessa carteira.... Vamos agora busca-la com toda coragem.

Vestio-se de ponto em branco o nosso Timandro, e dirigio-se ao convento, dizendo querer fallar com a pessoa que tinha achado uma carteira.

Assim lhe aconteceu, em poucos minutos compareceo um frade, perguntandô quem o procurava.

— Sou eu, reverendissimo, respondeo o nosso Timandro Junior. Venho, meu padre, buscar uma carteira, que me dizem estar aqui depositada nas mãos de V. Rev.^{ma}

— Bem, não duvidarei entrega-la, uma vez que me dê os signaes della, e a quantia que nella se acha. Feitas estas averiguações, não ponho nenhuma duvida em restituir-lha a seu verdadeiro dono.

— Sim, meu padre, eu vou fazer a V. Rev.^{ma} uma exposição verdadeira do meu prejuizo, e dizer-lhe os signaes todos da minha carteira, e o que nella se achava. A carteira é desta e daquella forma, contém dentro della 500 e tantos mil réis....

Emfim, tinha em memoria todos os signaes que esse individuo que o procurou lhe tinha ministrado, e com elles pôde convencer ao frade, ser elle o dono da carteira. Avista da fiel e verdadeira narração, que fazer? entregar a carteira a Timandro.

Immediatamente dirigio-se para casa, cheio de enthusiasmo, por ter abusado da fé de um homem, e por ter tambem enganado, por meio de um embuste, a um ministro de Deos! Com essa quantia, fez Timandro as maiores extravagancias e os maiores desatinos.

Bem fallada foi esta esperteza praticada por Timandro Junior, e a policia dormia o somno da indifferença!!

Eis aqui um factô bem sabido, porém por muita gente ainda ignorado!

* CAPITULO III.

OS CANARIOS DO PARÁ.

Haverá quatro annos, que chegou neste porto um vapor, em que trazia uma porção de passaros raros do Pará.

Timandro soube disto, e foi ao vapor, e indagou para quem vinham esses passaros.

O capitão na fé, de que a indagação era sincera, disse:

— Estes passaros veem para a Sra. D. F.... que lhe envia seu filho o Sr. official de marinha F.... que se acha no Pará, e eu desejo saber da morada dessa senhora para lhe mandar participar. Assim pois, se o senhor pôde intervir nesse annuncio á referida senhora, eu lhe ficarei summamente agradecido.

— Sim, meu caro Sr. capitão, V. S. me faz um grande serviço, em me offerecer uma occasião opportuna para eu pagar obsequios que devo a essa senhora com quem nutro intimas relações. Eu vou para terra, e prompto me dirigirei á casa della afim de lhe dar esta noticia.

Despedio-se Timandro, e passou do vapor para o bote em que tinha ido, em poucas horas batia na escada da casa da senhora em questão.

Veio uma preta saber quem batia.

— Dize, rapariga, que é uma pessoa que chegou do Pará, e que vem trazer noticias do Sr. F....

— Sim, meu senhor, eu vou participar á senhora.

Dahi a poucos instantes, estava Timandro Junior, sentado na sala, a espera que chegasse a dona da casa para elle comprimental-a. Eis que ella apparece:

— Desejo-lhe mil venturas, minha senhora. Trago recommendações de seu filho, que é official de marinha, e que está estacionado no Pará. As cartas que veem para V. S. estão em poder do capitão, e o que trago debaixo de minhas vistas é uma porção de passaros muito raros todos das mattas do Pará, que elle manda-me fazer entrega delles a V. S. Porém como, eu deixasse a minha carteira a bordo, não posso tirar os passaros da alfandega, onde se acham. E sendo preciso tiral-os antes que se feche esse estabelecimento, venho pedir a V. S. 30\$000 rs. para pagar os direitos e trazel-os á sua presença, pois que é a cousa mais linda que tem apparecido até agora.

Ora, avista das informações que essa senhora tinha recebido de Timandro, e que elle tinha procurado colhel-as fielmente do capitão, quando esteve a bordo, não pôz essa senhora duvida alguma em entregar os 30\$000 rs.

Apenas Timandro, pillhou-se montado nos 30\$000 rs. disparou

da casa dessa infeliz senhora, como um raio, em procura da sua habitação, para dar graças ao diabo, por lhe ter fornecido os meios de haver aquella quantia.

E' verdade que os passaros vieram nesse vapor, porém o que é mais verdade é que, se essa senhora quiz ter os passaros mandou-os tirar por alguém, porque Timandro nem pela porta lhe passou mais.

Como zombou este saltimbanco, da fraqueza e credulidade de uma senhora digna de todos os respeitos !

Passeia por estas ruas da cidade, impavido como um heróe ! Timandro Junior !!

CAPITULO IV.

UMA BESTA EMPRESTADA, E OS MANTIMENTOS QUE LEVOU PARA SUA CASA.

Passeava Timandro pelo largo do paço, em procura de alguém a quem elle podesse dar uma bicada. Vê um roceiro parado na porta contigua ao Hotel do Universo, dirige-se a esse pobre homem e começa a exclamar: que tendo grande necessidade de chegar ao arsenal antes que elle se fechasse, pois que faltavam cinco minutos para as duas horas, e elle tinha de receber uma quantia, que lhe fazia grande desarranjo se a não recebesse naquelle momento....

O roceiro poz-se a olhar para Timandro Junior, e condeo-se da exposição que elle tinha feito !

E olhando Timandro para elle, disse-lhe: que se elle lhe emprestava a sua besta para dar uma chegada ao arsenal, que elle não só lhe ficava obrigado, como recompensaria o seu disvello.

— Vá, senhor, eu não posso me demorar muito tempo na cidade, se Vmc. volta já, póde ir na besta, lhe disse o roceiro.

— Muito obrigado, Sr..... que não sei sua graça..... respondeu Timandro Junior.

E montando na besta, desapareceo n'um instante, entrando pela rua Direita e dando volta pela rua do Ouvidor abaixo, entrou na rua das Carnes seccas. Apeou-se, e dirigio-se a um armazem, comprando vinte tantos mil réis de mantimento. Mette as mãos nos bolsos e finge ter-se esquecido da carteira em casa :

— Oh ! Meu Deos ! Eu não sahi sem a minha carteira !! Ora esta é boa ! Bate na testa, e diz para o caixeiro: Vmc. deixe estar a minha besta aqui um pouco na porta, em quanto chego n'uma loja da rua do Ouvidor, que me dou com o dono della, afim de pedir-lhe dinheiro para lhe pagar, e juntamente rogar-lhe o obsequio de me dar um caixeiro para ir levar estes generos para casa, pois que eu não posso ainda me retirar, sem ir á secretaria. E chamando tres pretos que já os levava atraz de si, sahio com os mantimentos.

Ora o caixeiro não lhe poz a menor duvida, porque vio um homem que vinha n'uma besta, e fallava muitas vezes em secretaria e ministros, assentou que era algum figurão, e deixou-o sair na certeza de elle voltar, ficando a besta do roceiro na porta do armazem.

Timandro apenas sahio do armazem, corria com os pretos para casa, como se fosse tangido por uma maquina, levando comsigo provisões para dous mezes bem puchados.

Deo tres horas, quatro, cinco da tarde sem que o roceiro visse, nem sujeito nem besta. O homem do armazem estava mais seguro porque lhe tinha ficado o animal na porta em lugar do dinheiro.

O roceiro já estando cansado de esperar, vai passeando para baixo, como querendo ir para a praça do mercado, chega ao *Arco de Telles*, e avista a besta parada n'uma porta. Larga-se ligeiro para o armazem, e dizendo algumas palavras deshonestas, chega á porta e passa a perna na besta para se retirar.

— Ah! maroto, tratante, velhaco, vem mais para cá com as tuas lamurias, a vêr se eu te dou mais besta, ou te encosto estas esporas na barriga.

Nisto que o pobre homem estava a montar, sahe o caixeiro do armazem e põe embargos á sahida do roceiro, reclamando o seu dinheiro, se queria lhe levar a besta.

— Oh lá! Senhor, pois eu além de ter prejuizo na minha viagem, ainda lhe hei de pagar despezas que um tratante fez no seu armazem? Olhe! Eu emprestei a um homem que me pediu esta besta para chegar ao arsenal, que queria receber um dinheiro antes que elle se fechasse, como eu hei de lhe pagar o que fez esse velhaco, pois não basta a demora que tive?

— Nada, não senhor, o homem deixou a besta aqui como fiança, em quanto ia buscar o dinheiro para me pagar. Tenha paciencia! Não lhe entrego a besta, espere o homem se quizer, ou então dê-me o dinheiro que elle ficou devendo, que eu lhe concedo levar a sua besta.

Neste conflicto, altercavam ambos fortemente pois que ambos tinham razão.

Emfim, para não sermos mais longo na nossa narração, o roceiro pagou ao homem do armazem vinte e tantos mil réis! e foi-se.

E o povo que soffra calado estas e outras que todos os dias estão apparecendo deste mesmo individuo.

CAPITULO V.

AS SUBSCRIÇÕES.

Grande é o numero de pessoas que tem sido victimas de um meio deshonesto que Timandro busca para viver! Difficil será achar-se

uma pessoa no Rio de Janeiro que tenha escapado ás espertezas desse hoje muito conhecido velhacão.

Timandro Junior, tendo necessidade de dinheiro sahe em busca d'elle, somente pondo em uma folha de papel um titulo, como por exemplo — *Subscreeve-se para a impressão de um poema, sobre a independencia do Brasil.* — Com esta folha de papel, faz uma colheita capaz de comprar dois ou tres captivos. Para isso, veja-se o que elle praticou com o Poema de um dos nossos mais bellos poetas, o Sr. Teixeira e Souza.

Depois que se publicou o 1.º volume desse poema, que tão cheio de bellezas enriquece a nossa bibliotheca, e eterniza o seu autor; andava Timandro Junior, vendendo-o por 15\$000 e recebendo outros 15\$000 adiantados para a impressão do 2.º volume, dando como obra sua aos incautos, que ignoravam estar no Rio de Janeiro o seu autor.

Constando ao Sr. T. Souza, que alguém se servia da sua obra para monopolisar a bem seu e em prejuizo de seu autor, foi impellido pelo dever de direito de propriedade, a annunciar, que elle era o unico autor desse poema, e que a ninguem tinha incumbido de agenciar subscrições, prejudicando áquelles que queriam ter o prazer de vêr suas produções, fazendo dessa sorte valer 30\$000 rs. aquillo que elle vendia por 6\$000!!

Eis aqui, como este factó, muitos outros, que teem sido postos em pratica por Timandro Junior, com o fim de haver dinheiro para as suas orgias e depredações.

Tornando ao caso, quando o Sr. Teixeira quiz pôr embargos a tanta esperteza, já era tarde porque Timandro tinha feito uma boa romaria, em que representava muito bem a figura de um collectór. Timandro, nestas collectas sempre tirava bom partido, porque ninguem se queixava a policia, para que ella pozesse cobro a tantas velhacadas.

CAPITULO VI.

O HOMEM DA LOJA E O LOGRO!

São muitas as façanhas arranjadas por Timandro, e pouco tempo nos restaria, se as quizessemos pôr em dia, afim de mostrar ao publico um genio capaz de desempenhar as mais difficeis empresas! Vamos expôr um factó que nos parece digno de publicar, não só pela habilidade com que foi desempenhado, como tambem pela feliz lembrança que Timandro teve no desenvolvimento do seu expediente.

Timandro aluga uma sege e dirige-se á rua da Quitanda a uma loja, apea-se e interna-se na mesma casa.

Levava já Timandro consigo uma pasta com diferentes papeis

dentro, como para illudir ao dono da loja de quem esperava tirar boa colheita.

Volvia e revolia os papeis, e sempre lamentando o pouco tempo que lhe restava para ir ainda á secretaria, o que com isto foi julgado pelo dono da casa como algum empregado publico de alta posição!

Passou Timandro a pedir fazendas para vêr, e nesta escolha procurava sempre as melhores, porque elle não queria muita quantidade, mais sim boa qualidade.

Depois de ter já feito uma escolha de fazendas, em que importavam não menos de 600\$000 e tantos reis, finge ter deixado a carteira em casa, e nisto mostra-se bastante enfadado:

— Sr., eu hoje recebi do thesouro o meu ordenado, e tive de ir á casa buscar uns papeis que levo nesta pasta, e tendo de conferir o dinheiro que recebi, sentei-me ao pé da banca redonda para contal-o, porem como estava com a imaginação toda occupada nos papeis, que S. Ex. me recommendou os não esquecesse, deixei ficar o dinheiro sobre a banca, pela pressa com que sahi. Porém isto remedeia-se já depressa, porque eu escrevo a minha senhora e n'um instante lhe vem aqui o dinheiro!

Pede papel e tinta, e immediatamente lhe foi tudô ministrado, e n'um momento estava Timandro escrevendo sobre a escrevaninha da mesma loja, do que resultou a seguinte carta.

Senhora.....

Fará o favor de entregar ao caixeiro a quantia de 600\$000, que quero fazer um pagamento.

Seu marido

P.....

Fechou a carta, e poz no subscripto a rua e n.º da casa do mesmo dono da loja, e teve cuidado que o seu credor não visse o subscripto. Pedio que lhe dêsse um caixeiro para ligeiro ir buscar o dinheiro em quanto elle chegava á secretaria, que o ministro estava a sua espera.

Ora, Timandro, já estava preparado de fieis indagações, tinha-se informado de que o negociante levava o dinheiro todo para casa onde dormia e não o deixava na loja. Em fim não achou um só tropeço no caminho que buscou para lograr o negociante.

Depois que lhe foi entregue um caixeiro, olhou para elle com vivacidade e exprimio-se da seguinte maneira:

— Queira ter a bondade de ir a rua do H.... o n.º da casa... está ahi no subscripto, e por conseguinte traga com cuidado o dinheiro, não o vá perder. Se porventura houver alguma duvida, eu estou na secretaria.... mande-me chamar que virei apressado receber as suas ordens. A estas ultimas palavras elle se tinha voltado para o dono da loja.

Sahio o caixeiro com rapidez, e dirigindo-se á casa que lhe indicava o subscripto, entrou nella pensando ser a de Timandro, porém era na do negociante. O caixeiro não reflectio bem, porque não tinha estado presente na occasião em que elle fez os seus ajustes, pois tinha vindo de fóra naquelle momento, e foi o que seu amo se lembrou de entregar ás disposições de Timandro. Ora, não estando, como já dissemos, o caixeiro sciente do que se tinha passado, subio a escada e procurou entregar a carta á senhora, que era mulher do mesmo negociante. Esta vendo que a carta era para ella e achando o nome do marido em baixo, e de mais sendo ella conduzida pelo caixeiro, que sem duvida já o teria visto alguma vez, apressada foi á gaveta e entregou o dinheiro que pedia a carta: e despachou o mais possivel que pôde o caixeiro, o qual se retirou para a loja.

— Aqui está o dinheiro, meu amo.

— Acertastes logo com a casa?

— Sim, senhor, eu já lá fui uma vez que Vm. me mandou.

— Pois eu já te mandei alguma vez á casa daquelle sujeito!

— Não, senhor, eu não fui senão á casa de meu amo na rua do Hospicio.....

— Oh rapaz! pois tu fostes á minha casa, ou na desse homem que te entregou a carta?

— Meu amo, no subscripto estava o n.º da casa de meu amo e não vi outra com igual numero. Eu estive com minha ama, e ella foi que me entregou o dinheiro.

— Que me dizes rapaz, pois fostes á minha casa?! era o numero que estava no subscripto!!

— Sim, senhor, se quizer eu vou buscar a carta, e meu amo verá que é exacto o que eu digo!

Nisto ficou o negociante desesperado, tomou o chapéo, e dirigio-se á rua do H.... a casa de sua familia para verificar se era certo o engano do menino.

Entra em casa.

— Dê-me essa carta que lhe vieram trazer!

— Aqui está, você mesmo não é que a mandou?

— Não.....

— Pois ella está assignada por você!

— Já vejo que é uma velhacada de um tratante!

Assim foi, porque Timandro levou as fazendas para sua casa, e pagou-as com o mesmo dinheiro do negociante a quem tinha comprado.

Nunca o negociante pôde vêr mais Timandro Junior, porque elle procurou occultar-se por algum tempo, até que o negociante se esquecesse do logro que tinha levado.

Precho é confessar, que este negociante era um usurario muito

grande, e como estes individuos são bem difficeis de se lograrem com as physionomias, temos de julgar Timandro o primeiro homem de espertezas e expediente em casos criticos, e muito mais quando já se fallava haver na côrte um homem que procurava dinheiro por meio de embustes, e que os usurarios não cessam de indagar as figuras desses mesmos espertalhões que se apresentam de quando em quando entre nós.

CAPITULO VII.

AS POEZIAS.

São tantos os factos praticados por Timandro, que nós seríamos muito longos se quizessemos dar conta de todos elles.

Porém, basta que a vista destes, o publico do Rio de Janeiro, conheça quem é o individuo de que nos occupamos.

Nós somos testemunhas de todos os dias vemos poezias nos jornaes desta côrte, assignadas pelo o nome de baptismo, mas que não são feitas por Timandro, porém sim por um joven que hoje não nos é desconhecido.

Esse *fripon* de que fallamos, tem por costume, publicar versos que não são d'elle, mas sim, como já dissemos, de outrem. Quando sabe que alguma pessoa, possui fortuna, dirige-se a ella e recita um soneto no meio da sala. Depois de ter acabado com o seu sermão, pede á mesma pessoa, cinco ou dez mil réis, com o fim de publicar o soneto nos jornaes; o que faz por menos de dois mil réis, e o resto que lhe fica, mette no bolço que é para suas eventualidades. Assim tem elle praticado com muitas pessoas, e para isso appellamos para as que teem sido victimas desse infame e abominavel *fripon*.

Ha poucos dias sorveu elle não pequena quantia de um fidalgo, porque vimos em um jornal, uma ode dedicada a elle. Com quanto se contentaria Timandro Junior?!

Recommendamos ao respeitavel publico, que preste toda sua attenção quando apparecer alguma poezia nos jornaes. E indague o publico, quem é Timandro Junior, que achará, em cada canto das ruas desta populosa cidade, quem lhe diga: onde elle mora e quem elle é!

CAPITULO VIII.

A POLITICA.

Ha épocas em que todos especulam, seja como fôr, o que querem é tirar bom resultado em suas emprezas. Seria bastante reparado, que Timandro Junior deixasse passar desaperecebida a influencia que ha na apparição de immensos jornalinhos, que não fazem

senão jogar com as armas da immoralidade e da injuria. Assim pois, vendo Timandro, que podia aproveitar o ensejo para apresentar-se campeão de um partido, lança mão de publicar o seu jornal, como meio de vida, porque partido algum não terá honra de vêr encostado á si, um *fripon* da qualidade de Timandro Junior.

Emfim, apresentou-se testa de ferro de um desses jornaes de que acima fallamos, porque nenbuma habilidade encheremos nelle capaz de escrever duas linhas certas.

Como morador no lugar onde se acha collocado um convento, não quiz deixar de pagar as honras da vizinhança, e por isso escolheu o nome de um *sino* desse convento para servir de titulo ao seu jornal.

Até com a politica, julgou este *fripon* achar uma especie de California, com que podesse não só figurar como escriptor, como della tirar rendimento exagerado.

Para não sermos mais importunos, finalisaremos aqui a primeira parte da nossa narração, pedindo ao respeitavel publico, desculpa do nosso phraseado, posto que não seja de termos bem tangido, não deixará de ser importante para a policia.

REFLEXÕES.

Da necessidade do trabalho nasceo a necessidade da ordem e economia.

A ordem e economia guiam naturalmente á posse da propriedade: que é a base de toda a sociedade bem estabelecida.

Sem trabalho não existe propriedade, nem podem existir homens, nem estados: tal é a origem dos progressos de ambos; tanto é evidente que achamos proprio seu desenvolvimento.

O homem preguiçoso é um ente que não goza das affeições da sociedade, o contrario acontece com aquelle que é laborioso, que não só é estimado em quanto vive, como mesmo deixa seu nome á posteridade.

O homem que não procura o trabalho é verdadeiramente um embusteiro, que procura enganar o seu semelhante, e nisto lucrar demasiadamente.

O trabalho, anima e fortalece, e a vadição, enlanguece, desmoralisa e arruina não só o physico, como o moral do homem.

O principal dever de um governo é arredar da sociedade os individuos que por seus máos costumes corrompem a sociedade, porque esta desmoralisada, não ha governo seguro e estavel.

O homem que busca seu semelhante para enganar-o, procurando entranhar-lhe n'alma uma verdade fingida e estudada, é o ente mais desprezível da sociedade.